

A grande perseguição

O séc. III d.C. foi um período extremamente turbulento no Império Romano devido a instabilidade política e militar e também por que no final deste século deflagrou-se a última e mais violenta perseguição a igreja pelo Império Romano. No final do séc. II o imperador se torna o líder supremo do estado, com uma grande independência do senado. Findava o período da república e inicia período do império propriamente dito. Ainda no final do séc. II o Imperador Cômodo que governou de 180 a 192 d.C. foi assassinado e este fato iniciou um período de grande instabilidade política marcado por uma disputa pelo trono por vários homens, guerras civis e seguidos imperadores assassinados: entre 235 e 284 onze imperadores ao todo foram assassinados e ao longo do séc. III houveram trinta e três imperadores e co-imperadores.¹

Em 284 d.C. subiu ao trono Diocleciano, imperador com enorme visão administrativa que dividiu o império romano em Oriental e Ocidental e formou um colegiado: um imperador – Augusto – e um vice-imperador – César – para o império ocidental e para o império oriental.² Embora a própria esposa e filha de Diocleciano fossem cristãs, o César que estava sob seu governo, Galério, demonstraria um profundo ódio pelos cristãos. A perseguição iniciou no exército por volta de 295, quando alguns cristãos negaram-se a servir e outros que já estavam no exército tentaram abandoná-lo. Com este fato, Galério convenceu Diocleciano a promulgar um edito apenas expulsando todos os cristãos do exército, mas no cumprimento da ordem muitos soldados cristãos foram mortos após negarem sacrificar a outros deuses. Em 303 Diocleciano, novamente impelido por Galério, promulgaria um edito no qual todos os edifícios cristãos (algumas casas transformadas em templos e cemitérios cristãos com suas lendárias catacumbas) e todos os livros cristãos deveriam ser queimados e os cristãos seriam despojados de seus direitos civis. Quando resistiam a entregar seus livros, os cristãos eram condenados a morte e muitos que se negaram a sacrificar aos deuses também o foram.³

Neste contexto, houve uma série de revoltas em diversas partes do império e Diocleciano, suspeitando de que fosse uma represália dos cristãos, endureceu ainda mais a perseguição. Existem inúmeros relatos de tortura e martírio deste período e muitos cristãos se refugiaram fora dos limites do império romano, entrando em território persa. Em 304 Diocleciano adoeceu e Galério insistiu para que o mesmo renunciasse. Em 305 tanto Diocleciano – Augusto do Ocidente – quanto Maximiano – Augusto do Oriente – abdicaram. Galério tornou-se Augusto do Ocidente e Constâncio Cloro tornou-se Augusto do Oriente. Neste contexto estourou uma profunda crise política no império. Por um lado, Galério pediu a Diocleciano para retornar aos centros de poder do império e ajudar-lhe a estabilizar as tensões políticas e por outro seu vice-imperador – o César Maximino – intensificou ainda mais a perseguição aos cristãos: o historiador cristão Eusébio relata que muitos cristãos tinham seus olhos vazados, membros quebrados e eram enviados para trabalhos escravos em pedreiras, a lista dos mártires crescia a cada dia mais e mais.

Foi apenas no dia 30 de abril de 311, cinco dias antes de falecer, já em seu leito de morte, que Galério promulgaria o edito da tolerância, dando liberdade de culto aos cristãos. Neste período a igreja estava já desanimada com a longa e cruenta perseguição mas quando o edito foi promulgado e as portas das pedreiras e prisões abertas, descobriu-se que a igreja havia resistido e “delas brotou uma torrente de pessoas aleijadas, tortas e maltratadas, mas em deleite pelo que para ela era uma intervenção direta do alto”.⁴

Antes de sua morte, Galério instituiu Licínio como Augusto do Oriente diante da morte de Constâncio Cloro em 306, o que desatou uma guerra civil dentro do império pois as legiões de Constâncio Cloro tinham clara preferência por Constantino, filho mais velho de Constâncio. Com a morte de Galério em 312, o império ficou sob o governo de Licínio, Maximino Daza, Megêncio e Constantino. Contudo, Constantino reuniu seus exércitos na Gália, marchou pelos Alpes até Roma, capital de Megêncio. Dois historiadores cristãos que conheceram Constantino, Lactâncio e Eusébio, afirmam que as vésperas da batalha crucial contra Megêncio, a batalha da Ponte Milvia em 312, Constantino teve uma visão na qual Deus o ordenava a colocar um sinal unindo as letras X e P no escudo de seus soldados. As letras X e P são as duas primeiras letras do nome “Cristo” em grego (“ΧΡΙΣΤΟΣ”). Esse símbolo ficou conhecido com *labarum* e a vitória de Constantino nessa batalha lhe assegurou a supremacia sobre o império. Constantino, viria a vencer também Licínio,

¹ FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.51-53

² FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.65

³ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.103-112

⁴ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.110

unificando o império. Constantino, embora tenha se batizado apenas em seu leito de morte, fez cessar a perseguição a igreja e em seu reinado favoreceu grandemente a fé cristã, apoiando financeiramente a igreja, dando privilégios ao clero e construindo templos. O reinado de Constantino “mudou os rumos da igreja e da história do Ocidente”.⁵

A vida cristã nos primeiros séculos

Muito do que se comenta a respeito dos cristãos dos primeiros séculos permanece focado na vida dos grandes e famosos mártires e apologetas da fé cristã desse período, mas Justo González nos lembra bem de que estes homens notáveis, cultos e bem localizados socialmente são a exceção a regra.⁶

No séc. II havia três classes sociais bem definidas: os patrícios (nobres e proprietários de terras), cavaleiros (servidores públicos e militares) e os plebeus (camponeses, trabalhadores, comerciantes). Os plebeus eram livres mas viviam em condições precárias e precisavam trabalhar muito para se manter na sociedade romana. Muitos dos que viviam nas cidades moravam sob condições muito pobres e os camponeses lutavam para manter suas terras e seus bens. Os escravos não tinham liberdade, muitos eram prisioneiros de guerra, faziam os trabalhos mais degradantes e desumanos e viviam sob ameaças de morte. Alguns poucos por serem letrados eram valorizados e podiam até obter a liberdade, mas certamente era a exceção a regra.⁷

A maioria dos cristãos era composta por plebeus e escravos e este é um fato notório. Em sua maioria a igreja era composta de pessoas incultas, trabalhadores manuais e muitos escravos. Era uma igreja em sua maioria pobre e que vivia com dureza e dificuldade em um tempo marcado por perseguições, martírios e enorme instabilidade política.

O culto cristão acontecia geralmente no primeiro dia da semana em alusão a ressurreição de Cristo e tinha em seu centro litúrgico a comunhão, a Santa Ceia. O tom da celebração era mais voltado para o sentido da ressurreição de Cristo no domingo do que a morte expiatória da sexta-feira da paixão e portanto o tom era mais festivo, uma celebração que por volta do séc. II ficou conhecida como “Festa do Amor”. Também a partir do séc. II o culto cristão possuía uma primeira parte litúrgica na qual havia leitura bíblica e comentário, orações, cânticos e outras expressões. Em seguida, havia a comunhão que em um primeiro momento era mesmo uma refeição compartilhada e nos períodos de maior perseguição passou a ser os elementos do pão e vinho compartilhados entre os presentes.

Só tomava parte da ceia aqueles que haviam sido batizados. Os que ainda não haviam professado a sua fé eram convidados a retirar-se muitas vezes. Neste período também ficou conhecido o costume dos cristãos de se reunirem em cemitérios cristãos – as catacumbas – que eram galerias nas quais estavam os túmulos de grandes mártires e outros cristãos. Era uma forma dos cristãos se conectarem as narrativas de sofrimento e perseverança daqueles homens e celebrar a fé cristã.

O grande centro das reuniões cristãs eram as casas, das quais muitas podem ter sido posteriormente transformadas em templos possivelmente no séc. III diante do crescimento das congregações. Um exemplo é o Templo de Dura-Europos, um dos templos cristãos mais antigos encontrado em escavações e que data de cerca de 250. d.C.⁸ A medida em que a igreja foi se tornando mais gentilica um problema para o batismo se instaurou: aquelas pessoas não haviam sido criadas nas tradições judaicas e precisavam compreender vários elementos que os ajudassem a entender de forma plena a obra salvadora de Cristo. Isto levou a igreja a mudar os passos para o batismo, que em Atos era quase instantâneo mas que por volta do séc. III era o resultado de um processo de catecumenato que durava cerca de 3 anos. Ao longo desse tempo o candidato devia dar provas de constância na fé e aprender as Escrituras.

O batismo geralmente se dava um vez por ano no domingo da ressurreição no final do período pascal, quando os candidatos faziam um jejum da sexta-feira da paixão ao domingo e eram em seguida batizados nas primeiras horas do domingo, por imersão, desnudos em um rio. Os homens eram batizados separados das mulheres e ao sair do rio os candidatos recebiam uma túnica branca. Os registros de batismo de crianças é claro a partir do séc. III, mas antes desse período há um relativo silêncio sobre essa prática embora ela seja presumida por alguns como presente na igreja primitiva devido a suas raízes judaicas e a identificação com a circuncisão.

No fim do séc. II as igrejas eram governadas por uma hierarquia com três níveis (bispos, presbíteros e diáconos) e as mulheres pareciam desempenhar um papel importante no serviço cristão. Em especial as viúvas que eram obreiras e as virgens que se consagravam ao ministério optando por não ter família. A igreja evangelizava não em seus cultos, que eram apenas para os cristãos, mas os cristãos compartilhavam o Evangelho na sua vida pública e também por meio de seu sofrimento nos períodos de perseguição. Por volta do séc. II também começou a nascer expressões da arte cristã, especialmente com o tema da eucaristia e do peixe.

⁵ FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.65

⁶ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.94

⁷ FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.51

⁸ ROSTOVITZEFF, Michael Ivanovitch. *The Excavations at Dura-Europos: Final report*. Yale University Press, 1967.